

**EMPREENDEDORISMO RURAL NA PRODUÇÃO EM ROÇAS DE TOCO:  
ESTUDO JUNTO A PEQUENOS PRODUTORES QUILOMBOLAS DE MONTE  
ALEGRE-GO**

*RURAL ENTREPRENEURSHIP IN PRODUCTION IN ROÇAS DE TOCO: A STUDY WITH  
SMALL QUILOMBO PRODUCERS FROM MONTE ALEGRE-GO*

Ana Carolina Rodrigues Deodato<sup>1</sup>  
Josélia Batista Dias de Souza<sup>2</sup>  
Edson Arlindo Silva<sup>3</sup>

**RESUMO**

O objetivo desta pesquisa foi analisar de que forma o Empreendedorismo Rural tem feito parte da dinâmica dos pequenos produtores/agricultores quilombolas de Monte Alegre-GO nas produções em roças de toco. Com isso, durante o mês de dezembro de 2020 realizou-se uma pesquisa de campo junto a três agricultores quilombolas kalungas da localidade observada. Aplicou-se a técnica da entrevista semiestruturada, o que viabilizou constituir resultados importantes que demonstram a necessidade de que o ato de empreender seja fortalecido na realidade do quilombo. As indagações e respostas obtidas foram trabalhadas a partir da análise de conteúdo e dos autores estudados sobre o tema, de maneira a adotar uma abordagem qualitativa na discussão dos achados. Com isso, a observação da realidade e a construção trazida permitiram entender que além da necessidade de maiores investimentos em políticas públicas de incentivo às atividades empreendedoras na comunidade quilombola estudada, necessita-se de outras medidas capazes de favorecer a realização das atividades rotineiras dos produtores/agricultores familiares, aspectos que tendem a potencializar ainda mais a sustentabilidade e o desenvolvimento social, agroecológico e econômico neste contexto tradicional.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo rural. Empreendedorismo sustentável. Quilombolas.

**ABSTRACT**

The objective of this research was to analyze how rural entrepreneurship has been part of the dynamics of small Quilombola producers/farmers in Monte Alegre-GO in productions in toco fields. As a result, during the month of December 2020, a field survey was carried out with three Kalunga Quilombola farmers from the observed location. The semi-structured interview technique was applied, which made it possible to establish important results that demonstrate

---

<sup>1</sup> Graduada no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia – Universidade Estadual de Goiás (UEG) - R. Rui Barbosa, Qd 7, Lt 33, Setor Aeroporto, Campos Belos - GO, 73.840-000. E-mail: carollaylamoreira@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5117-2782>

<sup>2</sup> Mestra em Gestão Organizacional, Universidade Federal de Catalão (UFCAT) e Mestra em Gestão e Auditoria Ambiental, Universidad Internacional Iberoamericana (UNIB). Administradora, Servidora Municipal e Docente Substituta na Universidade Estadual de Goiás. R.Cristã, n.11 Qd.05, Centro, Cavalcante – GO, 73.790-000. E-mail: joseliabd@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3976-7343>

<sup>3</sup> Pós-Doutor (USP) e Doutor em Administração (UFLA). Professor Titular na Universidade Federal de Uberlândia e no Programa de Mestrado em Gestão Organizacional da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Graduado em Administração (UFV). Pesquisador-Membro e Líder de Grupo de Pesquisa no CNPq. Avaliador de projetos de fomento em pesquisa e inovação. St. Universitário, Catalão - GO, 75705-220 - E-mail: edsonarlindosilva@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8965-100X>.

the need for the act of undertaking to be strengthened in the reality of the quilombo. The questions and answers obtained were worked from the content analysis and the authors studied on the subject, in order to adopt a qualitative approach in the discussion of the findings. With this, the observation of reality and the construction brought allowed to understand that in addition to the need for greater investments in public policies to encourage entrepreneurial activities in the studied quilombola community, other measures are needed capable of favoring the performance of routine activities of producers/ family farmers, aspects that tend to further enhance sustainability and social, agroecological and economic development in this traditional context.

**Keywords:** Rural entrepreneurship. Sustainable entrepreneurship. Quilombolas.

## INTRODUÇÃO

Trata-se de um estudo junto a pequenos produtores quilombolas de Monte Alegre-GO sobre o Empreendedorismo Rural na produção em roças de toco. Em princípio tem-se que as comunidades quilombolas são representadas por povos tradicionais que sempre obtiveram importante relação com o cultivo do solo, principalmente a partir da produção subsistente nas chamadas lavouras de toco, também conhecidas como pousio, coivara ou roças de toco. (Assis, 2016).

Os pequenos produtores quilombolas, por sua vez, trabalham de forma individual ou mesmo coletiva em suas lavouras, onde exercem a agricultura familiar na produção de culturas tais como: arroz, feijão, mandioca, milho, café, abóbora e outros. (Ungarelli, 2009).

Na contemporaneidade a agricultura familiar vem criando laços cada vez mais sólidos como o chamado empreendedorismo rural, que tem aberto novos caminhos e oportunidades para a expansão de negócios no contexto social onde vivem os povos tradicionais. (Lima; Parteli; Loose, 2015).

Vale considerar que o:

Empreendedorismo Rural é a capacidade de identificar problemas e oportunidades ligados ao setor rural e transformá-los em soluções benéficas para a sociedade em geral, sendo conhecido também como agronegócio. O empreendedor rural pode oferecer serviços, vender produtos, prestar consultoria, criar aplicativos ou software de auxílio à lavoura etc. (IPOG, 2019, p.1).

Portanto, o Empreendedorismo Rural tem o seu foco em desenvolver atividades que oportunizam mercados no contexto social não urbano e ao mesmo tempo em fortalecer o vínculo entre o que é urbano e aquilo que é rural.

Conforme estudo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2019), desde 2018, profissionais que atuam nesses serviços podem efetuar a GETEC, v.13, p.57-79/2023

formalização do negócio a partir da inscrição como Microempreendedor Individual (MEI) para atuarem no mercado agro. Tem que: “a sigla MEI significa Microempreendedor Individual. O MEI foi criado com o objetivo de facilitar a formalização de algumas atividades econômicas” (SEBRAE, 2019, p.10).

A mudança em torno da necessidade do produtor rural registrar-se como MEI ocorreu em função do projeto Crescer Sem Medo, que incentivou o Empreendedorismo Rural para os pequenos negócios (SEBRAE, 2019).

Enfim, a principal alteração em torno disso foi que:

Antes da Lei Complementar nº 155/2016, a atividade rural estava prevista de acordo com a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que não permitia a inclusão no MEI de produtores rurais que faturam até R\$ 81 mil por ano. Ainda segundo o Sebrae, pelo menos 17 milhões de trabalhadores rurais vivem na informalidade. E com a adesão da nova lei, muitos produtores podem se beneficiar. A perspectiva é que com a inclusão do MEI, os produtores rurais tenham acesso (IPOG, 2019, p. 2).

Além disso, temos que a Lei Complementar nº 155/2016 acaba por estabelecer que no momento em que a empresa vier a ultrapassar o limite de R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais) em seu acumulado, que antecede o somatório dos últimos doze meses, o ISS (Imposto Sobre Serviços) e o ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias) não serão recolhidos a partir da tabela do Simples Nacional (Brasil, 2016).

De certa maneira, “empreender exige muito estudo e dedicação, independentemente da área na qual você deseja entrar. No agronegócio não é diferente. No entanto, com alguns cuidados iniciais [...] aumenta as chances de ser bem sucedido” (SEBRAE, 2019, p.1).

Vale considerar que:

O agronegócio consiste na rede que envolve todos os segmentos da cadeia produtiva vinculada à agropecuária. Isso significa que ele inclui as atividades desenvolvidas por fornecedores de insumos e sementes, equipamentos, serviços, beneficiamento de produtos, industrialização e comercialização da produção agropecuária (SEBRAE, 2019, p.2).

Portanto, o Empreendedorismo coloca-se como um novo desafio e oportunidade ao mesmo tempo na sociedade e que pode ser uma ferramenta de desenvolvimento social e econômico capaz de compreender a realidade dos pequenos produtores ou agricultores familiares de comunidades tradicionais, como bem é o caso dos povos Quilombolas, cujas produções agrícolas se dão especialmente a partir das lavouras de toco.

## EMPREENDEDORISMO RURAL NA PRODUÇÃO EM ROÇAS DE TOCO

A questão de pesquisa, que sumariza o problema desse estudo é a seguinte: Como o Empreendedorismo Rural tem feito parte da dinâmica dos pequenos produtores quilombolas de Monte Alegre-GO nas produções em lavouras de toco?

O objetivo geral desse estudo é: analisar de que forma o Empreendedorismo Rural tem feito parte da dinâmica dos pequenos produtores quilombolas de Monte Alegre-GO nas produções em roças de toco.

Partindo do objetivo geral, esse estudo tem como objetivos específicos: Levantar a base teórica referente a quilombolas, pequenos produtores, produções em lavouras de toco e Empreendedorismo Rural; Pesquisar junto aos produtores quilombolas a dinâmica do trabalho que realizam nas lavouras, bem como o acesso que possuem ao Empreendedorismo Rural; Identificar os limites e possibilidades em torno do Empreendedorismo Rural desses produtores, considerando os aspectos da agroecologia e da sustentabilidade ambiental nesse contexto.

Antes mesmo de apresentar a importância desse estudo, é essencial destacar que: “O Empreendedorismo gera impactos na sociedade, na economia e na política, produzindo empregos, gerando rendas, proporcionando crescimento e desenvolvimento” (Espejo; Previdelli, 2006, p.23).

E conforme o Global Entrepreneurship Monitor - GEM 2008 (2009) *apud* Espejo e Previdelli (2006, p.25) “a população brasileira é classificada como uma das mais empreendedoras do mundo, ocupando o 13º lugar no total de 43 países analisados” naquele período.

De certo modo, como discorrem Tomei e Souza (2014), em tempos nos quais a produção rural tem grande impacto na economia nacional e no fortalecimento da vida no campo, não tem condições de não se atrelar o Empreendedorismo com a dinâmica de vida dos produtores rurais.

Assim, além das alternativas do cooperativismo e do associativismo, que de acordo como Arantes (2004) também são estratégias válidas, mas que nem sempre tem a ver com o que é pretendido por todos os produtores, tem-se o Empreendedorismo Rural, o qual no âmbito de uma comunidade tradicional como a que será estudada poderá se colocar como uma possibilidade que vale a pena ser investigada.

Portanto, é importante estudar esse objeto porque através da reflexão em torno desse será possível analisar a dinâmica dos produtores quilombolas em relação à atividade de

lavoura, às formas de Empreendedorismo, à sustentabilidade e à geração de emprego e renda nesse contexto social tão relevante para a cultura e história.

## **REVISÃO TEÓRICA**

Esta revisão busca tratar sobre os apontamentos teóricos em torno de conceituações relacionadas à temática em estudo, bem como trata de forma sucinta sobre a história e dinâmica de vida das comunidades quilombolas de Goiás, principalmente quanto à relação que essas têm com o solo e com os ideais de sustentabilidade ambiental e econômica. E ainda, discorre-se sobre os desafios e as possibilidades relacionadas ao trabalho dos pequenos produtores e agricultores familiares em lavouras de tocos, bem como salienta-se sobre o Empreendedorismo Rural sustentável como importante medida em favor do desenvolvimento econômico e social das comunidades quilombolas.

### **Conceituações inerentes ao estudo**

Nessa parte serão apresentadas as primeiras conceituações em torno dos pontos que fazem parte da temática de estudo e que valem a pena serem consideradas, por exemplo: lavouras de toco, agricultura de corte, produtores rurais, quilombolas, quilombos, Empreendedorismo Rural e sustentável, desenvolvimento rural e sustentável e agroecologia.

As lavouras de toco ou roças de toco fazem parte da realidade de pequenos produtores ou agricultores rurais, baseando-se nas práticas de corte e queima, em que trata-se de: “[...] é um sistema de cultivo da terra em que os cultivadores se valem primeiramente de uma área de vegetação base com diversas variações ambientais locais, podendo ser composta por gramíneas, pequenos arbustos ou florestas”. (Wolf, 1976 *apud* Luca, 2011, p.11).

Em complemento a esse ponto, destaca-se que quanto aos procedimentos que compõem o desenvolvimento das atividades agrícolas a partir de lavouras de toco, obtém-se que:

A agricultura de corte e queima apresenta uma série de passos reunidos nos seguintes procedimentos: 1) derrubada e queima da vegetação, 2) plantio de espécies agrícolas na terra limpa, geralmente apenas com as cinzas resultantes da queima da biomassa da vegetação, 3) cultivo das espécies por geralmente um ou dois anos, 4) abandono do terreno até que a vegetação se recomponha e com esta a fertilidade do sistema, 5) nova escolha de área que será aberta e derrubada onde se estabelecerá um novo ciclo de cultivo (Wolf, 1976 *apud* Luca, 2011, p.11).

No que tange, ainda, à agricultura de corte e à queima, tem-se que tais atos são:

[...] prática comum em diversos povos que vivem em sistemas tropicais. Este tipo de uso da terra está atrelado ao manejo florestal, pois são as florestas, em diferentes tipologias e estágios sugestivos, que servem de subsídio base para os estabelecimentos dessas roças-de-toco. É exercida por comunidades tradicionais ou por agricultores familiares que possuem uma relação bastante próxima com as florestas. Pelo fato das florestas fazerem parte do modo de vida dessas pessoas, enquanto sendo a terra/floresta trabalhada pela família (Luca, 2011, p.8).

Entende-se, portanto, que o sistema agroflorestal está mais propício para os pequenos agricultores, pois este é uma base importante para as roças de toco, pois cria uma maior relação sustentável das famílias com a agricultura e a floresta.

Sobre o produtor rural, por sua vez, este foi definido no Projeto de Lei Suplementar (PLS) do Estatuto do Produtor Rural, nº 325/2006, como sendo “pessoa física ou jurídica que explora a terra, com fins econômicos ou de subsistência, por meio da agricultura, da pecuária, da silvicultura, do extrativismo sustentável, da aquicultura, além de atividades não-agrícolas, respeitada a função social da terra” (Brasil, 2006a, p.1).

E ainda, a Lei nº 11.428/2006, que trata da utilização e da proteção em torno da vegetação nativa que compõe o bioma Mata Atlântica, em seu art. 3º, inciso I, define que o pequeno produtor rural é:

I – [...]: aquele que, residindo na zona rural, detenha a posse de gleba rural não superior a 50 (cinquenta) hectares, explorando-a mediante o trabalho pessoal e de sua família, admitida a ajuda eventual de terceiros, bem como as posses coletivas de terra considerando-se a fração individual não superior a 50 (cinquenta) hectares, cuja renda bruta seja proveniente de atividades ou usos agrícolas, pecuários ou silviculturais ou do extrativismo rural em 80% (oitenta por cento) no mínimo (Brasil, 2006d, p.1).

Já a Lei nº 11.326/2006, que veio a estabelecer diretrizes e a formular a chamada Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais, traz em seu art. 3º a definição de que “considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural” (Brasil, 2006b, p.1).

Para dar sustentação a isso, essa legislação aponta que o agricultor familiar e o empreendedor rural devem atender aos seguintes requisitos para encaixarem-se com tais:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;  
 II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;  
 III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; (Inciso com redação dada pela Lei nº 12.512, de 14/10/2011)  
 IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.  
 § 1º O disposto no inciso I do caput deste artigo não se aplica quando se tratar de condomínio rural ou outras formas coletivas de propriedade, desde que a fração ideal por proprietário não ultrapasse 4 (quatro) módulos fiscais (Brasil, 2006b, p.1).

Compreende-se a partir desses requisitos a priorização de que os produtores rurais prezem pela mão de obra da própria família nas atividades econômicas desenvolvidas no contexto da agricultura, vindo esse tipo de empreendimento a gerar renda, lucro e mais empregos nas comunidades rurais.

No que toca aos quilombolas esses são “os atuais habitantes de comunidades negras rurais formadas por descendentes de africanos escravizados, que vivem, na sua maioria, da agricultura de subsistência em terras doadas, compradas ou ocupadas há bastante tempo” (Fundação Joaquim Nabuco, 2011, p.1).

É importante observar o fato de que em relação às pessoas que fazem parte dos quilombos essas possuem vasto conhecimento tradicional, bem como importante vínculo com o cultivo da terra, de modo a explorarem para subsistência familiar os biomas nos quais estão inseridas, como bem é o caso do cerrado goiano, onde possuem verdadeira interação com a natureza e sua preservação (Silva, 2019).

Quanto ao termo quilombo, vale observar que:

Contemporaneamente, portanto, o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio (O'Dwyer, 2002, p. 18).

Obtém-se, ainda que “a definição de Comunidade Remanescente de Quilombo, muito discutida na década de 1990, em termos acadêmicos, políticos e jurídicos, parece ter se consolidado. Atualmente, a identidade quilombola é legitimada, principalmente, pela autoafirmação coletiva” (Mendes, 2017, p.1).

O Empreendedorismo Rural diz respeito à “capacidade de identificar problemas e oportunidades ligados ao setor rural e transformá-los em soluções benéficas para a sociedade em geral, sendo conhecido também como agronegócio” (IPOG, 2019, p.1).

Em relação ao conceito de desenvolvimento sustentável, este está “principalmente relacionado à área rural, surge a partir da detecção dos impactos negativos causados pelo modelo de desenvolvimento agrário convencional” (Consalter; Diehl, 2009, p.1).

Partindo disso, e por meio do que apontam Weber, Morgan e Winck (2016), obtém-se que o Empreendedorismo Rural sustentável pode ser considerado como um aproveitamento de oportunidades de negócios pelo produtor rural ou agricultor familiar, de modo que, pela adoção de importantes práticas de inovação tecnológica no modelo produtivo esses

GETEC, v.13, p.57-79/2023

empreendedores sejam capazes de promover, de modo concomitante, o desenvolvimento social, econômico e a preservação ambiental nesse contexto.

A Agroecologia, por sua vez:

[...] Refere-se ao estudo da agricultura desde uma perspectiva ecológica. Tem como unidades básicas de análise os ecossistemas agrícolas, abordando os processos agrícolas de maneira ampla, não só visando maximizar a produção mas também otimizar o agroecossistema total - incluindo seus componentes socioculturais, econômicos, técnicos e ecológicos (Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura, 2020, p.1).

E ainda, de certo modo tem-se que:

Atualmente, o termo agroecologia pode ser entendido como uma disciplina científica, como uma prática agrícola ou como um movimento social e político. Nesse sentido, a agroecologia não existe isoladamente, mas é uma ciência integradora que agrega conhecimentos de outras ciências, além de agregar também saberes populares e tradicionais provenientes das experiências de agricultores familiares de comunidades indígenas e camponesas (Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura, 2020, p.1).

Portanto, tem-se que a Agroecologia, tem relação com uma prática agrícola e ao mesmo tempo é uma disciplina científica que movimenta a sociedade a partir da geração de novos conhecimentos capazes de melhorar o processo de trabalho e relação com a natureza, principalmente no que tange às comunidades tradicionais, como é o caso das famílias indígenas e quilombolas.

### **A história e a dinâmica das comunidades quilombolas em Goiás: cultivo do solo e sustentabilidade**

Ao se tratar das comunidades quilombolas, é fundamental trazer um pouco da história que as compreende, da constituição desses grupos e da dinâmica cultural que possuem. Nesta parte, alguns desses elementos que precedem o processo de cultivo sustentável do solo pelos integrantes desses quilombos em Goiás são apresentados de forma sumarizada.

De acordo com Alves (2015) os quilombos brasileiros passaram a ser constituídos entre os séculos XVIII e XIX, quando os negros decidiram lutar em favor de sua liberdade e ao mesmo tempo de um espaço onde pudessem fortalecer a sua cultura e tradição africana, aspectos tolhidos pelo racismo e preconceito principalmente no período colonial e imperial.

O primeiro e maior quilombo teve sua origem no Estado de Pernambuco, denominado de Quilombo dos Palmares, tendo Zumbi como um dos grandes personagens desse processo de afirmação e luta negra no Brasil. (Paré; Oliveira; Velloso, 2007).

Atualmente, há quilombos em vários estados brasileiros como: Maranhão, Espírito Santo, Pernambuco, Tocantins, Bahia, Mato Grosso do Sul, entre outros, no entanto, o Quilombo Kalunga no nordeste de Goiás é considerado o maior entre os existentes no país, aspecto que ajuda a contribuir de acordo com Takahashi e Alves (2015) para sustentar a relevância desse grupo étnico no que toca à preservação cultural e tradicional, bem como para as práticas relacionadas ao uso do solo e à sustentabilidade ambiental.

Em Goiás os quilombos erigidos no contexto da microrregião da Chapada dos Veadeiros, principalmente, abrangendo os municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina, são abrigados em lugares de difícil acesso, sendo verdadeiros refrigerios, onde os seus integrantes conseguem desenvolver suas atividades agrícolas de subsistências, suas festas, suas danças e outros eventos culturais (Ungarelli, 2009).

Vale destacar que as comunidades quilombolas habitam o contexto rural e tem a dinamicidade de seu cotidiano muito parecida com aquelas praticadas por outros grupos que também habitam esse contexto, contudo, ao ampliar-se a reflexão é importante destacar que:

No Brasil, as comunidades rurais assumem diversas identidades, ou seja, apresentam formas organizativas e modos de vida que variam por toda extensão do território nacional. Nesse sentido, as ações do governo federal, na última década, procuravam atender às demandas de cada grupo de acordo com as especificidades (Mendes, 2017, p.171).

Em complemento, tem-se que:

As comunidades remanescentes de quilombo configuram um dos espaços rurais que recorrentemente recebem ações para o desenvolvimento através dos programas dos governos. Geralmente, encontram-se localizadas em áreas em que os serviços básicos são precários. Os investimentos das instituições públicas e das organizações não governamentais têm sido no sentido de impulsionar a 'independência' econômica, política e social dos remanescentes de quilombo e também de possibilitar estratégias de melhorias nas condições materiais de vida (Mendes, 2017, p.171).

Assim, tem-se que as comunidades Quilombolas passaram a ser abrangidas com algumas políticas governamentais e de ONG's, o que vem favorecendo a obtenção de alguns avanços, uma vez que são grupos que estão em áreas com serviços precários, contudo, vivem de modo independente e pretendem ter melhorias na condição de vida.

Um exemplo que interage e ao mesmo tempo ajuda a refletir sobre a dinâmica dos quilombos em Goiás, é o do estudo protagonizado por Mendes (2017) num quilombo em Itapemirim, no Estado de Espírito Santo, também denominado de Monte Alegre (mesmo nome do município, ambiente da pesquisa em Goiás), de modo que:

A partir das informações levantadas, tanto pelo RTID quanto pela fala do presidente da associação de moradores do quilombo de Monte Alegre, a comunidade é formada

por 102 famílias, num total de 423 habitantes. Sendo que as principais atividades socioeconômicas praticadas no quilombo se relacionam com a atividade agrícola e o etnoturismo (Mendes, 2017, p.175).

Assim como ocorre no Estado do Espírito Santo, os quilombos de Goiás também são constituídos por poucas famílias, que em alguns casos possuem número elevado de integrantes, de modo a atuarem, de acordo com Silva (2019), com atividades relacionadas à agricultura familiar e ao ecoturismo.

Partindo para o embasamento relacionado à ligação do povo quilombola com o solo, é relevante considerar, por exemplo, que em estudo realizado no Quilombo Mesquita, o qual está localizado no estado de Goiás, ocorreu um mapeamento para identificar aspectos em torno da qualidade e sustentabilidade dos usos do solo, sendo que:

[...] Foi gerado o mapa de aptidão agrícola e de uso e ocupação de suas terras, bem como foram determinados os atributos físicos, químicos e biológicos, e o carbono (C) e nitrogênio (N) total e nas frações lábeis e estáveis da matéria orgânica do solo. Para tanto, foram estudados oito usos da terra, sendo quatro no Cerradão (Cerradão; Pastagem de braquiárias; Plantio convencional de grãos1; Tangerina com consórcio), e, outros quatro no Cerrado sensu stricto (Cerrado sensu stricto; Pastagem de plantas nativas e braquiárias; Plantio convencional de grãos2; Tangerina sem consórcio), visando estudar o impacto desses usos da terra na qualidade dos solos do Quilombo, bem como avaliar a aptidão agrícola de suas terras (Nascimento, 2016, p.10).

Assim, o mapa de aptidão contribuiu para se entender melhor sobre os usos do solo no contexto averiguado, tendo como enfoque estudar e ao mesmo tempo criar pela avaliação recomendações para preservá-lo.

Obeve-se que “os quilombolas, descendentes de africanos escravizados, estão com a qualidade de seus solos ameaçada, devido não somente a expropriação de suas terras, como pela ausência de políticas públicas de inclusão produtiva” (Nascimento, 2016, p.10).

Nesse sentido, pelo estudo de Nascimento (2016) concluiu-se que no referente contexto, tem sido identificado que a análise da qualidade metodológica do uso do solo pelos quilombolas torna-se fundamental a fim de que as atividades agrícolas sejam desempenhadas a partir de processos sustentáveis.

Por outro lado, como é possível identificar pelo estudo de Silva (2019) em relação ao território kalunga, a sustentabilidade agrícola já é um ato praticado pelas comunidades quilombolas presentes no Estado de Goiás, e que vale a pena ser preservado e incentivado cada vez mais de modo a alinhar os conhecimentos científicos com os tradicionais nas atividades que constituem a dinâmica de vida desse povo.

**O trabalho dos pequenos produtores e agricultores familiares nas lavouras de toco: desafios e possibilidades**

GETEC, v.13, p.57-79/2023

É sabido a partir do trata a Lei nº 11.428/2006 (BRASIL, 2006d) que os pequenos produtores rurais representam aquelas pessoas que residem e atuam com atividades agrícolas, pecuárias, silviculturais ou extrativistas em áreas não superiores a 50 hectares de terra, com renda familiar de no mínimo 80% oriunda da atividade rural, enfim, podem atuar com a mão de obra familiar e terceirizada no empreendimento.

Por outro lado, os agricultores familiares e empreendedores rurais familiares, cujas definições encontram-se na Lei nº 11.326/2006 (Brasil, 2006c) representam aquelas pessoas que atuam em áreas não superiores a quatro módulos fiscais, as quais podem atuar tanto para a subsistência quanto para a obtenção de renda a partir de atividades econômicas que realizam como: agricultura, pesca, pecuária, entre outras, situação na qual encaixam-se integrantes de comunidades quilombolas e indígenas.

Essas legislações e outras que discorrem sobre a prática agrícola atual enfatizam a necessidade de que os trabalhadores rurais em qualquer que seja a tipologia atuem a partir de práticas sustentáveis, tendo em vista a necessidade de se preservar a vegetação nativa nos biomas existentes e de se promover o desenvolvimento econômico em todos os contextos sociais, o que inclui as comunidades tradicionais quilombolas e indígenas.

Vale observar as seguintes possibilidades em torno das práticas sustentáveis no cenário da agricultura familiar e de outros empreendimentos rurais de pequeno porte:

O avanço da agricultura mecanizada, competição com as transferências governamentais, da escassez de mão de obra e das restrições ambientais. Há necessidade de aproveitar as áreas já desmatadas, promover a elevação da produtividade da terra e da mão de obra, desenvolver uma nova agricultura com base nos produtos da biodiversidade amazônica e reduzir o passivo ambiental das propriedades agrícolas. O cultivo de plantas e animais exóticos, também, não deve ser descartado, o manejo de recursos naturais, a adoção de sistemas agroflorestais, a integração da pecuária com culturas anuais e perenes e a busca de produtos confiáveis para os consumidores. O aproveitamento do potencial do mercado urbano e das perspectivas agroindustriais e de exportação é importante para a geração de emprego e renda (Homma *et al.*, 2014, p.140).

Logo, com o avanço das máquinas na agricultura, o uso da mão de obra humana foi diminuindo, bem como outros processos consequentes aconteceram, de modo que tornam-se fundamentais ações mais sustentáveis nos empreendimentos.

Por outro lado, a situação a seguir também aponta para aspectos que permitem pensar em desafios e em oportunidades no que tange ao trabalho do empreendedor rural:

Com a redução absoluta e relativa da população rural, a pequena produção terá que aumentar a produtividade da terra e da mão de obra. A atual população urbana/rural indica que cada trabalhador rural precisa produzir alimento para si e para mais três pessoas que moram nos centros urbanos, sem contar com as exportações. Esta é uma indicação de que é preciso aumentar a produtividade da terra e da mão de obra e sair da agricultura de derruba/queima (Homma *et al.*, 2014, p. 146).

Assim, tem-se que pela redução da mão de obra nas atividades agrícolas, entre outros aspectos, o agricultor, que produz para si e para a cidade, precisa estabelecer medidas que aumentem a produtividade da terra no contexto rural.

Pode-se considerar que apesar de ser tão relevante a produção rural para sustentar tanto o campo quanto a cidade, ainda há desafios a serem enfrentados e possibilidades/oportunidades a serem aproveitadas pelo pequeno produtor e pelo agricultor familiar.

### **O Empreendedorismo Rural Sustentável como alternativa para o desenvolvimento econômico e social de comunidades quilombolas**

O Empreendedorismo Rural como ferramenta de desenvolvimento social e econômico nesse cenário, de acordo com Weber, Morgan e Winck (2016) pode ser utilizado em favor da proteção ambiental em diferentes contextos.

E ainda, de acordo com Homma *et al.* (2016) as comunidades rurais tradicionais precisam ser estimuladas a partir de práticas de extensão rural a aproveitarem as oportunidades de negócio que o campo oferece, de modo a obterem fundamentos que qualifiquem e promovam a sustentabilidade de suas atividades.

Em Piva (2010) *apud* Weber; Morgan; Winck (2016) há o entendimento de que o desenvolvimento econômico em territórios rurais tem relação com o incentivo em torno da implementação de agroindústrias e da produção familiar nesse contexto.

E ainda, conforme aborda Konrad e Silva (2008), e Winck (2012) *apud* Weber, Morgan e Winck (2016, p.5):

[...] a capacidade produtiva das agroindústrias locais são asseguradas pelas propriedades rurais baseadas na agricultura familiar. As principais atividades agropecuárias desenvolvidas o crescente aumento da bovinocultura de leite, predominando as cooperativas de produção agropecuária e a produção de milho, suínos, aves [...].

Portanto, as agroindústrias locais como operacionalização da agricultura familiar, podem contribuir para o avanço de atividades capazes de ajudar a desenvolver

economicamente o campo. Por outro lado, as organizações sociais são pontuadas como ferramentas em torno das práticas de empreendedorismo rural, principalmente no que tange à sustentabilidade ambiental:

[...] as cooperativas regionais desenvolvem um importante papel na viabilidade econômica e social das famílias com renda a partir do leite, pois seguem a tendência em remunerar mensalmente o produtor rural seguindo normas próprias de qualidade, quantidade e manutenção do volume de matéria prima entregue. Exigindo dos atores da cadeia de suprimentos sua manutenção e relativa dependência quanto ao valor pago, o que intervém em questões econômicas e técnicas no aprimoramento da produção (Winck, 2012, *apud* Weber; Morgan; Winck, 2016, p.5).

Desse modo, tem-se que as cooperativas são importantes para o desenvolvimento social e econômico das famílias de produtores rurais, uma vez que essas ajudam o pequeno agricultor a ser reconhecido e a ganhar espaço no mercado competitivo, ajudando-o a aprimorar os seus conhecimentos.

Doutra forma tem-se a compreensão de que:

O empreendedorismo tem forte relação com o desenvolvimento regional [...] e o agente transformador está na figura do empreendedor, ao qual [...], cabe a responsabilidade pelo desenvolvimento econômico, tornando a economia mais dinâmica e competitiva e gerando novas oportunidades. (Schmidt; Bohnenberger, 2009; Miyazaki *et al.*, 2008 *apud* Weber; Morgan; Winck, 2016, p.3).

Portanto, as práticas de empreendedorismo têm papel importante no desenvolvimento regional, porque por estas desenvolve-se novos conhecimentos, os quais são úteis para transformara realidade do pequeno agricultor, tornando-o um empresário responsável, vindo isso a abrir oportunidades para o crescimento econômico das comunidades rurais e quilombolas.

## **METODOLOGIA**

Esta parte trata dos métodos e técnicas que foram empregadas durante a realização da pesquisa relacionada à temática “Empreendedorismo Rural na produção em roças de toco: estudo junto a pequenos produtores quilombolas de Monte Alegre-GO”.

### **Tipologia e descrição geral dos métodos de pesquisa**

Na realização deste estudo foram utilizados os seguintes tipos de pesquisa, com base nas definições de Silveira e Córdova (2009):

**Quanto à abordagem** – Esta pesquisa foi qualitativa, a qual de acordo com essas autoras “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização [...] (p.31). Assim, neste estudo visa compreender o fenômeno do empreendedorismo na realidade quilombola.

**Quanto à natureza** - Esta pesquisa foi aplicada, a qual conforme as autoras “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” [...] (p.35). Portanto, o estudo em questão contribui para a transformação da realidade social estudada.

**Quanto aos objetivos** – Esta pesquisa foi exploratória, cujo objetivo está em “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” [...] (p.35). Tal etapa deu-se em conjunto com a pesquisa de campo, executada junto a três pequenos produtores/agricultores familiares de Monte Alegre-Goiás.

**Quanto aos procedimentos** – Empregou-se as pesquisas bibliográfica e documental, que caracterizam-se neste estudo pelo emprego de artigos científicos, livros, leis e outros fundamentos para sustentar as referências teóricas da temática. A pesquisa de campo e a etnográfica (que são a prática exploratória) ocorreram a partir da entrevista junto aos produtores/agricultores familiares quilombolas. A pesquisa-ação foi caracterizada pela elaboração e a disponibilização de um plano de intervenção aos pesquisados.

### **Caracterização da área lócus e dos indivíduos do estudo**

O presente estudo desenvolveu-se no contexto da comunidade quilombola Kalunga do município de Monte Alegre, o qual está localizado na região nordeste de Goiás.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE, 2020) a referida cidade tem uma população estimada em 8.606 habitantes, esta ocupa uma área geográfica de 3.119,808 km<sup>2</sup>. Sobre a comunidade quilombola de Monte Alegre-Goiás, tem-se que esta é constituída por centenas de famílias, está compreendida na parte oeste da região, de modo que os seus integrantes praticam de forma secular o cultivo do solo. Portanto, realizam atividades típicas da agricultura familiar, em que são cultivados: arroz, mandioca, frutas, hortaliças e outros alimentos, sem o uso de agrotóxicos. Tais produções são utilizadas nas trocas entre os moradores, em vendas nas rodovias, feiras, mercados e mesmo de porta em porta na zona urbana.

Neste estudo, como trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, ao invés de trabalhar com população e amostra, optou-se por trabalhar com participantes. Assim, este estudo teve como participantes três pequenos produtores rurais/agricultores rurais que integram o Quilombo de Monte Alegre-Goiás, cujas características são destacadas a partir da pesquisa.

### **Caracterização e descrição das técnicas e instrumentos de pesquisa**

Neste estudo foram utilizados a seguinte técnica e instrumento para o processo de coleta de dados, partindo de Silveira e Córdova (2009):

**Entrevista semiestruturada** – Na qual “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (Silveira; Córdova, 2009, p.72).

**Roteiro de entrevista** – O qual “é uma lista dos tópicos que o entrevistador deve seguir durante a entrevista” (Silveira; Córdova, 2009, p.73). No caso desta pesquisa o seu roteiro contém uma parte de levantamento de dados socioeconômicos/e culturais do participante e na sequência uma parte com 04 questões específicas de campo, inerentes ao tema estudado.

### **Procedimentos de coleta e de análise de dados**

Neste estudo foram adotados os seguintes procedimentos na fase de coleta de dados:

**Na pesquisa bibliográfica/e documental** – Foram utilizadas: “referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (Silveira; Córdova, p.37) e na legislação pertinente.

**Na pesquisa de campo/pesquisa etnográfica e pesquisa-ação** - A pesquisa de campo e a etnográfica, foram desenvolvidas ao mesmo tempo, no momento da entrevista junto aos três pequenos produtores/agricultores familiares quilombolas de Monte Alegre-GO. No que tange à pesquisa-ação esta deu-se pela elaboração de um plano de intervenção em Empreendedorismo Rural (técnica 5w2h) que busca compreender a realidade dos pesquisados.

Já na fase de análise de dados foram realizados os seguintes procedimentos:

**Análise de conteúdo** - Tal momento configurou-se pela transcrição das entrevistas, tabulações das informações (montagem de quadros e apresentação de fotos pertinentes). Os dados obtidos foram analisados à luz da literatura estudada sobre a temática em questão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico serão apresentados os resultados inerentes à pesquisa sobre o tema “Empreendedorismo Rural na produção em roças de toco” em que foram entrevistados três agricultores familiares do quilombo kalunga de Monte Alegre-Goiás, os quais são chamados pelos pseudônimos G, E e J.

### Dinâmica das atividades dos quilombolas no cultivo das lavouras de toco

Com o intuito de compreender a dinâmica das atividades dos quilombolas antes mesmo de aprofundar os pontos-chaves, os participantes G, E e J foram indagados a partir destas primeiras questões: como é o seu dia a dia de trabalho nas lavouras de toco do Quilombo? O que você e sua família cultivam? A partir disso chegou-se aos dados detalhados no quadro 1:

Quadro 1 - A dinâmica dos quilombolas na lavoura de toco

Agricultor familiar quilombola	Alimentos cultivados pelas famílias	Cotidiano na roça de toco do quilombo
Entrevistado G	Batata, feijão, milho	-Derruba-se e queima-se a vegetação do local reservado, respeitando-se o tempo de pousio.
Entrevistado E	Milho, feijão, arroz	-O trabalho é cansativo nas roças. -É um trabalho que se torna compensativo por ajudar na renda.
Entrevistado J	Feijão, milho, mandioca, batata	-As atividades tem carga horária diurna e vespertina. -Há práticas de cooperação entre os membros das famílias. -Os plantios e as colheitas se dão com base no clima, estação e fases da lua.

Fonte: Os autores (2021).

Durante o período de estudo, por meio da observação do cotidiano dos quilombolas foram observados os seguintes aspectos: falta de estrutura para uma boa lavoura, pouca

informação técnica e carência nos investimentos em políticas públicas para as comunidades quilombolas. São esses os primeiros passos para que esses territórios tenham maior segurança social e desenvolvimento econômico, como bem é frisado no estudo de Baiocchi (1999).

O modo de vida dessa comunidade interage com relatos de Takahashi e Alves (2015), que apontam que o povo quilombola se organiza por conta própria em suas atividades e práticas, não tendo nenhum tipo de mecanização para revolver a terra, enfim, fazem isso com as próprias mãos ou com ferramentas pequenas.

Segundo aborda Ungarelli (2009) as comunidades quilombolas possuem um sistema de cultivo predominantemente chamado de roça de toco ou coivara, sendo uma tradição que norteia o cotidiano deste povo.

### **As percepções dos quilombolas sobre o empreendedorismo rural**

No avanço da interação com a realidade observada, os participantes foram interrogados a partir da segunda questão: Você sabe o que é empreendedorismo rural? Contudo, percebeu-se que apenas um desses trouxe uma definição para o termo, ao passo que os demais relataram desconhecer essa prática:

Sei sim, é você empreender em seu trabalho, ou seja, acho que é administrar nosso trabalho e nossos produtos, é vender e transportar, dentre outras coisas (Entrevistado G).

A reflexão do produtor quilombola é relevante, deixando em evidência uma concepção ainda simplória do que vem a ser o empreendedorismo, mas que permite entender que este já teve o mínimo de contato com o termo de alguma forma prática. Nisto, cumpre destacar que Lima, Parteli e Loose (2015) apontam a necessidade de que a sociedade seja munida do conhecimento em torno da teoria e da prática empreendedora, considerando-se que o ato de empreender é uma das principais ferramentas de enfrentamento e superação da desigualdade social.

### **As práticas empreendedoras das famílias quilombolas**

Durante o diálogo, partindo do ponto anterior, aos participantes foi introduzido um conceito para empreendedorismo, especialmente o seguinte: o “empreendedorismo é a capacidade que uma pessoa tem de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade” (SEBRAE, 2019, p.12).

Assim, na sequência, foi realizada a terceira questão: sabendo o que é empreendedorismo rural, como você e sua família aplicam práticas empreendedoras a partir daquilo que produzem nas lavouras de toco? Nisto chegou-se aos seguintes aspectos:

As práticas empreendedoras que aplicamos aqui é a venda de feijão na cidade, já o milho usamos para alimentar os animais e guardamos um pouco das sementes para os próximos plantios (Entrevistado G).  
O que plantamos é só para consumo próprio porque não temos condições de sair para vender mais trocamos entre os vizinhos quando eles precisam (Entrevistado E).  
Ouvindo a explicação sua eu e minha família não empreendemos porque nosso plantio é para o nosso próprio consumo ou quando algum vizinho precisa aí ajudamos (Entrevistado J).

Os produtores quilombolas ajudam a fortalecer em suas representações a demonstração do quanto o empreendedorismo desenvolvido em seu contexto social é mínimo e não explorado na comercialização dos produtos oriundos do cultivo em roças de toco. Essa realidade de acordo com Costa (2013) e Luca (2011) acompanha a trajetória dos povos tradicionais, cujos potenciais de desenvolvimento econômico e social são praticamente inexplorados. Nisto, considerando o estudo de Mendes (2017), acaba-se por fomentar mais a cultura de subsistência desses grupos, os quais não são incentivados e capacitados para a autonomia na geração de sua renda, o que poderia ocorrer de maneira ampla a partir de maior exploração de suas atividades agrícolas nas roças de toco.

### **O empreendedorismo rural, sustentável e agroecológico no quilombo**

No avanço da pesquisa realizou-se a quarta pergunta: o que você acha que pode ajudar a desenvolver o empreendedorismo rural, sustentável e agroecológico (que preserve o meio ambiente) em sua comunidade? Assim, os participantes trouxeram os seguintes posicionamentos:

Primeiramente melhorar as informações, depois desenvolver o conhecimento das pessoas porque não são todas que sabem o que fazer, daí para frente o tempo nos ajudará a melhorar (Entrevistado G).  
Precisamos de mais informação porque não temos estudos o suficiente para entendermos, mas sei que precisamos preservar o meio ambiente (Entrevistado E).  
Precisamos de mais informação, de alguém para nos ensinar (Entrevistado J).

As considerações dos produtores quilombolas enfatizam a carência de informação, ou seja, a falta de acesso a cursos e a aperfeiçoamentos que possam ajudar a fortalecer as práticas de empreendedorismo na localidade. Isso não diverge do que é considerado por Silva *et al.* (2010) como um grande entrave para o desenvolvimento econômico das comunidades rurais brasileiras, imensamente afetadas pelo desestímulo governamental, aspecto que deixa as famílias mais carentes em dependência de recursos oriundos de políticas assistenciais, quando deveriam ser amparadas como políticas de incentivo às práticas empreendedoras.

### **Dificuldades enfrentadas pelos quilombolas no ciclo produtivo das lavouras de toco e que interferem nas práticas empreendedoras**

Em encerramento, foi realizada a quinta pergunta aos participantes: quais são as dificuldades que você encontra para produzir, armazenar e comercializar os produtos advindos da sua lavoura de toco? Através das respostas chegou-se aos seguintes limitantes:

- Mudanças climáticas que atrasam a chegada das chuvas;
- Carências em torno da armazenagem dos produtos colhidos/das sementes, sendo as próprias residências e os barracões os locais utilizados para este fim;
- Problemas em torno da comercialização dos produtos;

As dificuldades enfrentadas pelos produtores quilombolas em suas roças podem ser enumeradas para providências mais específicas, de cunho social e político, considerando-se o potencial produtivo e econômico dessas atividades. Cumpre destacar que problemas como armazenagem e comercialização podem ser refletidos de acordo com Weber, Morgan e Winck (2016) no campo da construção de novos modelos de trabalho, que sejam capazes de fortalecer e de empoderar os povos rurais, como por exemplo: incentivar o cooperativismo e o associativismo como maneiras mais abrangentes de organizar as atividades no quilombo em questão.

### **Constatações e proposições em torno do empreendedorismo no quilombo kalunga de Monte Alegre**

## EMPREENDEDORISMO RURAL NA PRODUÇÃO EM ROÇAS DE TOCO

A partir desta pesquisa elaborou-se o seguinte plano de ação, com base na planilha 5w2h que permite a proposição e o direcionamento de possíveis medidas para solucionar os problemas em torno das práticas empreendedoras no quilombo kalunga pesquisado:

**Quadro 2** - Plano de ação para melhorar o Empreendedorismo Rural no quilombo kalunga de Monte Alegre-GO

<b>Problema identificado</b>	<b>What (o que)</b>	<b>Who (quem)</b>	<b>When (quando)</b>	<b>Where (onde)</b>	<b>Why (por que)</b>	<b>How (como)</b>	<b>How Much (quanto)</b>
Falta de mão de obra qualificada	Qualificar mão de obra	Poder público	A cada trimestre	Nas roças	Falta de investimento	Investir em tecnologia e cursos específicos	A depender
Falta de informação e de tecnologias sustentáveis	Melhorar o processo tecnológico e de informação no quilombo	Poder público / produtores	Contínuo/época de cultivo	Nas roças	A melhoria desses aspectos facilitará as atividades	Investir em tecnologias e maquinário sustentável	A depender
Falta de investimentos nas práticas agrícolas em roças de toco	Buscar fontes de recursos	Poder público/ produtores	Contínuo e a depender das possibilidades	Nas roças	A boa informação é fundamental para as práticas locais.	Editais e outros meios de incentivos/ fomento	A depender
Desestímulo às práticas empreendedoras e dependência de políticas assistenciais do governo	Promover políticas de incentivo ao Empreendedorismo Rural no quilombo	Poder público/ produtores	A partir do 2º semestre de 2021.	Nas roças	O estímulo ao empreendedorismo no quilombo fortalecerá o desenvolvimento local	Cursos gratuitos; editais e outros meios de incentivos/ fomento	A depender

Fonte: Os autores (2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se neste trabalho compreender de maneira preliminar, a caracterização do manejo singular de uso da terra, chamado de sistema de roça de toco, mantido pelos agricultores familiares/pequenos produtores no quilombo kalunga do município de Monte Alegre-GO. Com isso, alcançou-se resultados compatíveis ao esperado neste estudo. Seria interessante um aprofundamento neste assunto a partir de uma participação mais intensa da

pesquisa-ação com os agricultores, o que não foi tão intenso em decorrência do momento pandêmico vivenciado no país no período de coleta de dados.

Percebeu-se que os agricultores quilombolas foram responsáveis pela transformação da paisagem do local, o que se deu de modo simples e sustentável, sendo que as roças de toco são as formas de trabalho mais adotadas nos cultivos em pauta. Apesar disso, esses sujeitos sociais encontram muitas limitações em decorrência dos baixos investimentos nos meios de trabalho, ou seja, em tecnologia agrícolas, e das dificuldades inerentes às ações de empreendedorismo, aspecto relacionado à carência e à inacessibilidade de políticas públicas para este fim no âmbito das comunidades tradicionais quilombolas.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, J. **Associativismo e Cooperativismo**. Editora Interciência, 1ª Edição, 2004.

ASSIS, J. F. **O papel de comunidades quilombolas na conservação da biodiversidade do Cerrado: a experiência da Comunidade do Cedro, Mineiros-GO**. Monografia. Universidade de Brasília. Brasília: UnB/Campus Planaltina, 2016, 38p.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE E AGRICULTURA (ACESA). **Agroecologia**, 2020. Disponível em: <https://www.acesa.eco.br/atuacao/agroecologia/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BRASIL. **Estatuto do Produtor Rural - PLS 325/2006a**. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/noticias/agencia/quadros/qd\\_152.html](http://www.senado.gov.br/noticias/agencia/quadros/qd_152.html). Acesso em: 10 jul. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006b**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2006/lei-11326-24-julho-2006-544830-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BRASIL. **Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006c**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/lcp123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm). Acesso em: 10 jul. 2020.

BRASIL. **Lei Federal nº 11.428 de 22 de dezembro de 2006d**.

CONSALTER, D. F.; DIEHL, A. A. **Desenvolvimento rural sustentável: uma proposta de intervenção social na área rural de Sarandi (RS)**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000555.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

COSTA, V. S. **A Luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo). Brasília: UnB, 2013.

ESPEJO, M. M. S. B.; PREVIDELLI, J. J. Os grandes desafios e as estratégias do empreendedor no ensino superior privado. In: PREVIDELLI, J. J.; SELA, V. M. (Org.). **Empreendedorismo e educação empreendedora**. Maringá/PR: Unicorpore, 2006, p. 21-52.

EMPREENDEDORISMO RURAL NA PRODUÇÃO EM ROÇAS DE TOCO

FARIA, B. S.; MACHADO, F. S.; MARTINS, J. L.; REIS, T. R. S. Perfil Do Microempreendedor Individual: Uma Análise na Cidade de Volta Redonda. In: XII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2015, Resende/RJ. **Anais [...]**. Associação Educacional Dom Bosco, 2015, 16p. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/18622258.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **Quilombolas, 2011**. Disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=857:quilombolas&catid=51:letra-q](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=857:quilombolas&catid=51:letra-q). Acesso em: 10 jul. 2020.

HOMMA, A. K. O.; SANTOS, J. C.; SENA, A. L. S.; MENEZES, A. J. E. A. Pequena produção na Amazônia: conflitos e oportunidades, quais os caminhos? **Amazônia: Ci. & Desenv.**, Belém, v. 9, n. 18, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1009375/1/ArtigoPeqProdAmazoniaRevBasaHomma.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/monte-alegre-de-goias/panorama>. Acesso em: 10 jul. 2020.

LIMA, C. C.; PARTELI, L. F.; LOOSE, C. E. O Empreendedorismo Rural e a agroindústria familiar na gestão da atividade agropecuária em Rondônia. **RAC - Revista de Administração e Contabilidade – CNECEDigraf**, Ano 14, n. 27, p.97-134, jan/jun.2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229768197.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

LUCA, F. V. **“Botar a roça”**: agricultura de corte e queima e manejo de bracingais em Biguaçu/SC, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/120972/294712.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

MENDES, J. F. A. Estratégias de etnodesenvolvimento através da agricultura: uma análise das ações de assistência técnica e extensão rural na comunidade remanescente de Quilombo de Monte Alegre, Cachoeiro de Itapemirim (ES). **Revista Política e Planejamento Regional**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 169 a 187, janeiro/junho 2017, ISSN 2358-4556.

NASCIMENTO, R. S. M. P. **Qualidade do Solo e Aptidão Agrícola das Terras do Quilombo Mesquita, Estado de Goiás**. Brasília/DF: UnB, 2016.

O'DWYER, E. C. **Quilombos – identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

PARÉ, M. L.; OLIVEIRA, L. P.; VELLOSO, A. D. A educação para Quilombolas: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga do Engenho II (GO). **Cad. Cedes**, vol. 27, n. 72, p. 215-232, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/26912/1/a07v2772.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Empreendedorismo, 2019**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/> Acesso em: 10 jul. 2020.

SILVA, M. T. G. **O ofício do raizeiro**: saberes e práticas integrativas em comunidades tradicionais quilombolas Kalunga [manuscrito]. Dissertação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG, 2019, 191 fls.

SILVA, N. P.; FRANCISCO, A. C.; HATAKEYAMA, K.; SILVA, M. C. G. A importância do empreendedor rural para capacitar, desenvolver e equacionar estrategicamente os recursos sustentáveis, gerando renda e qualidade de vida. **Revista e-ESTUDANTE - Electronic Accounting and Management**, v. 2, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/ecap/article/viewArticle/791>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SILVEIRA, D. T. ; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2 – a pesquisa científica. In.: GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

TAKAHASHI, F. G. M.; ALVES, V. P. Imagens representacionais das políticas públicas à educação e à saúde, no imaginário de um grupo de idosos da comunidade Quilombola–Kalunga, de Monte Alegre de Goiás. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, v.23, n. 88, p. 567-592, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3995/399541533003.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2020.

TOMEI, P. A.; SOUZA, D. A. A. L. A. Análise das barreiras que dificultam a transformação do agricultor familiar em empreendedor rural no contexto brasileiro. Universidade Nove de Julho. **Revista Ibero Americana de Estratégia**, vol. 13, núm. 3, pp. 107-122, julho-setembro, São Paulo, 2014.

UNGARELLI, D. B. **A comunidade Quilombola Kalunga do Engenho II**: cultura, produção de alimentos e ecologia dos saberes. Dissertação. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2009, 83p.

WEBER, J.; MORGAN, A.; WINCK, C. A. Empreendedorismo Rural sustentável no contexto do oeste catarinense: um estudo de caso no município de Guatambu. In: IX Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2016, Passo Fundo/RS. **Anais [...]**. Anagepe, 2016, 16p. Disponível em: <https://www.egepe.org.br/2016/artigos-egepe/440.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.